

# TRANSFORMAÇÕES NO CAPITALISMO E SOCIEDADE: REBATIMENTOS NA DEMOCRACIA

Claudioмиro Ramos Moreira<sup>1</sup>

Carlos Nelson dos Reis<sup>2</sup>

**Resumo:** o presente artigo deriva de uma revisão bibliográfica, que tem como objetivo, analisar as transformações ocorridas e operadas no capitalismo, sob a ótica de sua lógica de produção e reprodução. As tecnologias de informações, como novas formas de aumentar a produtividade impactaram a sociedade como nunca antes. Seu caráter fragmentário e efêmero tem ai sua raiz. Ao mesmo tempo, as relações tanto de trabalho como as sociais, tornam-se flexíveis e efêmeras. Tais características são tomadas como forma de liberdade, principalmente dos grupos e coletivos, disto, resultou o crescente descrédito das utopias etc. Na sociedade efêmera e fragmentária, impera o presente, o futuro quando considerado, o é do ponto de vista individual. Resultando negativamente na democracia, como sua base é o indivíduo, esta será tomada como sua única função, ou seja, servir aos objetivos particulares das pessoas. Dito isto, o presente artigo, está dividido em três partes: 1) transformações operadas pela lógica capitalista; 2) mudanças de fluxo e a perda de perspectivas de longo prazo; e 3) democracia e liberdade: o problema da ansiedade.

**Palavras Chaves:** Capitalismo. Tecnologias de informação. Flexibilidade. Individualismo.

## 1 INTRODUÇÃO

As transformações nos últimos anos do século XX e início do XXI impactaram de forma inimaginável a vida dos sujeitos, incidindo sobre a forma como estes estabelecem suas relações sociais, políticas, econômicas, culturais etc. O problema da “forma” em que se desenvolve sua existência e seu modo de vida é importante; primeiro devido ao fato de ser necessário pensar o concreto de tal existência, a partir de seu impacto em seu modo de vida e, segundo pelo simples fato que tal forma, possibilita compreender determinados fenômenos, como o individualismo hedonista, por aquilo que ele é, uma transformação do cotidiano dos sujeitos. Dito isto, a “forma” que se desenrola a existência e o modo de vida individual e coletiva na sociedade capitalista, sofre influência e influencia esta mesma organização social como um todo, ao

---

<sup>1</sup> Bacharel em Serviço Social, pela Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA, campus São Borja, Mestre em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Bolsista CAPES. E-mail: crmclaudiomoreiracrm@gmail.com.

<sup>2</sup> Economista e Professor Permanente dos Programas PPGSS/EH e PPGE/EM da PUCRS. cnelson@pucrs.br

mesmo tempo em que revela o grau de condicionamento dos indivíduos ao modo de ser do capitalismo e de sua lógica voltada para a acumulação.

Ao considerar o grau de impacto das tecnologias da informação na sociedade, percebe-se que as relações tanto de trabalho como as sociais, tornam-se mais flexíveis e de fácil desligamento. A flexibilidade que abrange as mais variadas esferas da existência humana, não restringidas ao âmbito das relações de trabalho, apesar desta ser significativamente impactada. Deste modo, para se adaptar a tais mudanças, o trabalhador deve ser igualmente flexível, este caráter também se encontra em suas relações sociais particulares. O resultado não poderia ser outro, que não a dissolução e paulatina perda de laços de solidariedade entre os sujeitos. Acrescenta-se a isto, a mudança de fluxo de espaço e tempo, causado pelas tecnologias da informação criando uma sensação de aceleração do tempo e simultaneidade.

O acesso a informações de todos os cantos do mundo em tempo real, a sensação de instantaneidade, desta aceleração como consequência, tem-se a crescente dificuldade de se pensar em algo em longo prazo uma vez que o “agora” é extremamente veloz: o tempo é o “agora” e o “flexível”. Aqui entra a dificuldade de pensar em longo prazo, de ponderar e planejar um futuro, cujo impacto rebate diretamente nas utopias que visam outra organização social. Seu principal obstáculo, mas não único, é o crescente individualismo hedonista da sociedade. Que levou as pessoas, a considerar uns aos outros como limitação de sua liberdade, distanciando-se o real obstáculo a sua liberdade, a sociedade capitalista em si.

Assim, com o propósito de refletir e destacar pontos importantes destas transformações este artigo visa tratar e problematizar este tema. Este artigo encontra-se dividido em três partes: 1) transformações operadas pela lógica capitalista; 2) mudanças de fluxo e a perda de perspectivas de longo prazo; e 3) democracia e liberdade: o problema da ansiedade.

## **2 TRANSFORMAÇÕES OPERADAS PELA LÓGICA CAPITALISTA**

Nos últimos 50 anos, a sociedade como um todo tem passado por transformações, que se mostram cada vez mais velozes e significativas. Em realidade, desde o final do século XX a literatura vem assinalando que “Um novo mundo está tomando forma neste fim de milênio” (CASTELLS, 1999b, p. 412), colocando a difícil tarefa de pensar e refletir tais mudanças, ao mesmo tempo em que visa respondê-las de forma profunda. Deve-se perceber, que as

transformações ocorridas no interior da relação de produção nos moldes do capitalismo nos últimos anos do século XX e início do XXI, tempo este que demonstrou as maiores modificações que, não apenas incidiram na forma em que ocorre o processo produtivo, aspecto comumente mais analisado, mas, igualmente transformou de forma significativa as práticas e o ambiente nos quais ocorrem as relações sociais, impactando significativamente no modo de vida dos sujeitos.

A inserção de novas tecnologia nos meios de produção junto com a disseminação de conhecimento e informação, são neste aspecto assaz significativos para ser ignorado. A tecnologia pode ser definida como o uso de processos e coisas para a fabricação de produtos, para fins humanos, podendo ser entendida tanto como fruto e ferramenta do e para o trabalho (HARVEY, 2016). Disto, pode-se inferir que a tecnologia é utilizada como método e procedimento, aproveitados na produção de coisas. Nessa perspectiva, é possível entender por tecnologia, o uso de conhecimentos científicos especificando as vias de se fazerem coisas de maneira reproduzível (CASTELLS, 1999a). Assim, fica patente que a utilização de conhecimento especializado, ou com um alto grau de educação voltado não apenas para a criação de produtos materiais, mas, também para a criação e disseminação de informações e conhecimentos, que afetam a própria tecnologia em seu percurso, tanto nos modos de seu uso como em seu aperfeiçoamento, incidindo na e sobre sociedade e sofrendo influencia desta.

Deste modo, não se estranha o fato de que no atual estágio do modo de produção capitalista a tecnologia tenha sido transformada em mercadoria fonte de acumulação. A inovação tecnológica<sup>3</sup>, não se tornou apenas uma forma de extrair aumento de produtividade do processo, pela via de aumento da composição orgânica do capital em substituição ao uso intensivo de força de trabalho. Isto por meio da criação de máquinas cada vez mais avançadas, ao ponto de substituir quase totalmente ou uma grande parte dos trabalhadores envolvidos no processo produtivo. Sua produção e aperfeiçoamento envolve neste processo uma rede de instituições interligadas entre si, ao mesmo tempo, em que o investimento de capital nesta área tornou-se igualmente uma forma de obtenção e lucro.

---

<sup>3</sup> Harvey (2016, p. 96), é enfático ao relatar, a inovação que tecnológica se tornou um grande negócio, no sentido, de múltiplas empresas, acabam por explorar a inovação tecnológica apenas pela inovação, dessa forma, o capitalismo está obcecado pelo poder da inovação tecnológica, ela é seu objeto de fetiche e desejo.

A inovação tecnológica configura-se atualmente como pedra de torque da competição capitalista, a inovação pela inovação não visa, produzir algo para suprir necessidades humanas, visa suprir a necessidade da reprodução do capital de lucro, gerando dinheiro. A tecnologia possibilitou ao capitalismo produtivo alcançar sua fase flexível, deixando na medida do possível, as técnicas taylorista-fordista que foi o processo do limiar do século XX<sup>4</sup>. De formas que;

*A acumulação flexível, [...] se apoia na flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados de trabalho, e dos produtos e padrões de consumo. Caracteriza-se pelo surgimento de setores de produção inteiramente novos, novas maneiras fornecimentos de serviços financeiros, novos mercados e, sobretudo, taxas altamente intensificadas de inovação comercial, tecnológica e organizacional. A acumulação flexível envolve rápidas mudanças dos padrões do desenvolvimento desigual, tanto entre setores como entre regiões geográficas, criando, por exemplo, um vasto movimento no emprego no chamado 'setor de serviços', bem como conjunto industriais completamente novos em regiões até então subdesenvolvidas [...] Ela também envolve um novo movimento que chamarei de 'compressão do espaço-tempo' [...] no mundo capitalista – os horizontes temporais da tomada de decisões privadas e pública se estreitaram, enquanto a comunicação via satélite e a queda dos custos de transporte possibilitaram cada vez mais a difusão imediata dessas decisões num espaço cada vez mais amplo e variegado. (HARVEY, 2008, p. 140; grifos do autor).*

É crível que a produção flexível, possibilitou a aceleração do ritmo da inovação dos produtos, e a exploração de novos mercados altamente especializados e de pequena escala. Neste ponto, a flexibilidade é uma das ferramentas que encaminham soluções para a crise de acumulação dos anos 1970, abrindo e abre espaço para pequenas e médias empresas<sup>5</sup>, as quais mesmo não tomando o lugar das grandes corporações, tornam-se destas prestadoras de serviços via subcontratação (HARVEY, 2008).

A origem de uma rede de empresas, baseadas no modelo de desintegração vertical da produção, tem aí suas bases. De modo que, a flexibilidade está no processo e não no produto,

---

<sup>4</sup> Processo este, ainda, muito utilizado em países periféricos, ou mesmo emergentes.

<sup>5</sup> Castells (1999a) lembra a existência de teses contrárias a este tipos de análises, por exemplo, Bennet Harrison, cujas análises baseada em dados dos Estados Unidos, Europa ocidental e Japão, onde as empresas de grande porte, ainda continuam concentrado uma grande proporção de capital, levando as pequenas e médias empresas a ficar sob o controle financeiro, comercial e tecnológico das grandes. Mas, o próprio Castells (1999a) lembra a necessidade de separar a afirmação sobre transferência do poder econômico, bem como da capacidade tecnológica da grande empresa para as pequenas, sendo que as primeiras passaram por um declínio sobre seu modelo organizacional. Para o autor, não está testemunhando o fim das poderosas empresas de grande porte, se está observado à crise do tradicional modelo corporativo, assentado na integração vertical e no gerenciamento hierárquico.

visto que as partes que o compõe, advêm dos quatros cantos do globo (CASTESLL, 1999a). Outra característica deste produto é o seu tempo de giro tanto de produção quanto de consumo<sup>6</sup>, levando a necessidade de aumentar a atenção às modas fugazes e artificios de mobilização e indução de necessidades, dando vazão a diferença celebrada, a efemeridade, ao espetáculo, a moda e a mercantilização das formas culturais (HARVEY, 2008). Diante disto, torna-se cada vez mais necessário, trabalhadores dotados de certas habilidades qualificadas o que se manifesta na relações de produção e social.

No que se refere ao trabalhador flexível, este deve ser adaptável as mais variadas circunstâncias, curvando-se, adequando-se a elas sem que isto os quebre (SENNETT, 2009). O que significa ser capaz de se adaptar as constantes mutações da relação de produção, que incide nas diferentes esferas do agir humano, tais como: cultura, política, econômica, sociais etc.. A flexibilidade foi tomada como forma de aumento da liberdade dos sujeitos, assim, subcontratos, empregos temporários e atividades autônomas foram tomados como forma da liberdade dos trabalhadores, rebatendo nas outras esferas de seu agir. Tais formas de trabalho propiciam, sob um amplo processo ideológico, a sensação de um caminho aberto à mudança. Ser flexível neste caso, nada mais é do que a característica necessária para a livre ação (SENNETT, 2009) em uma sociedade em constante transformação. Destarte deste processo, vê-se a produção igualmente importante de novas formas e estruturas de dominação, ao invés de oferecer as condições que possa libertar os indivíduos (SENNETT, 2009).

A fragmentação do coletivo dos trabalhadores é aqui de uma importância importante e deve ser ponderado. Anteriormente considerado como primeiro passo para a organização de classe, agora é impedido de forma eficaz pela divisão espacial dos trabalhadores. O novo trabalhador flexível desempenha sua atividade isolada dos demais, principalmente devido o avanço das tecnologias da informação, que permitem a este trabalhador desempenhar sua função em casa, por exemplo. Paradoxalmente ao exercer sua função um “trabalhador coletivo”, está ligado apenas pela de rede tecnológica de informação, o que não lhe permite criar laços de solidariedade e reconhecimento entre si (CASTELLS, 1999b).

---

<sup>6</sup> Este tempo segundo Harvey (2008), no modelo fordista era em média de cinco a sete anos, na acumulação flexível, este tempo é diminuído pela metade em certos setores, como o têxtil.

[...] as redes institucionais modernas se caracterizam pela “força de laços fracos” [...], que as forças passageiras de associação são mais úteis às pessoas que as ligações de longo prazo, e em parte que fortes laços sociais como a lealdade deixam de ser atraentes. Esses laços fracos se concretizam no trabalho de equipe, em que a equipe passa de tarefa em tarefa e muda de pessoal no caminho.

Os laços fortes, em contraste, dependem da associação a longo prazo. E, mais pessoalmente, da disposição de estabelecer compromissos com outros (SENNETT, 2009, p. 25).

A inexistência de qualquer laço que ligue e prenda o trabalhador, seja ao grupo ou a formas e relações de trabalho que permita desenvolver tais laços, é visto como panaceia para a falta de liberdade, que as antigas formas de trabalho colocavam<sup>7</sup>. Deste modo, a “lealdade” ao emprego e aos colegas de trabalho, tão necessária anteriormente para a estabilidade no emprego e solidariedade entre os trabalhadores, torna-se uma armadilha, daí é necessário livrar-se. Medidas em longo prazo são vistas como algo desligadas da realidade atual do capitalismo, e diante do aumento dos projetos de curto prazo e da competitividade entre os trabalhadores, é enfraquecida a solidariedade entre eles: “O distanciamento e a cooperatividade superficial são uma blindagem melhor para lidar com as atuais realidades que o comportamento baseado em valores de lealdade e serviço (SENNETT, 2009, p. 25)”. A reavaliação destes valores evidencia, que as transformações ocorridas na sociedade, entre o final do século XX e início do século XXI incidiram não apenas no âmbito econômico, mas nas esferas culturais, políticas e sociais, transformando de forma significativa o modo de vida dos sujeitos.

Nesta linha de raciocínio é possível aferir que as transformações no capitalismo incidem sobre o caráter dos sujeitos: “Caráter são traços pessoais a que damos valor a nós mesmos, e pelos quais buscamos que os outros nos valorizem (SENNETT, 2009, p. 10)”. Isto leva ao fenômeno, da dificuldade de construir uma autoimagem significativa sendo que, as bases outrora usadas para tal, como grupos sociais, classe etc. encontram-se constantemente sendo “reinventadas”. Este “novo” sujeito, para apresentar-se livre, não pode encontrar-se preso aquelas antigas estruturas sociais e modos de vida coletivos, que os ligava ao compartilhamento de um destino, pertencimento e consciência coletivos.

---

<sup>7</sup> Sobre este ponto, indica-se a leitura de *O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo* de Vladimir Safatle (2019) e *O novo espírito do Capitalismo* de Luc Boltanski e Ève Chiapello (2009).

Unido ou fazendo uso da tecnologia de produção e disseminação de conhecimento e informação, a sociedade sob esta lógica coloca-se como a que oferece aos sujeitos, a aventura da formação do “eu” individual, que pode ocorrer sem interferência do coletivo, ou ainda em detrimento deste: “Cada vez mais, as pessoas organizam seu significado não em torno do que fazem, mas com base no que elas são ou acreditam que são (CASTELLS, 1999a, p. 41)”. O resultado observado é a queda de um pertencimento a grupos, coletivos, ou no pertencimento a uma classe<sup>8</sup>. No estágio atual do capitalismo existe uma confusão, até certo ponto generalizada, presente não tão somente na esfera do mercado de trabalho, mas, no que concerne a participação política. O traço principal é o individualismo, potencializado pela queda das utopias e ideias de coletivo, com sua capacidade mobilizadora e salvadora. O que leva a mudanças de fluxos e perda de perspectivas de longo prazo.

### **3 MUDANÇAS DE FLUXO E A PERDA DE PERSPECTIVAS DE LONGO PRAZO**

O fenômeno da transformação do fluxo<sup>9</sup> tempo-espaço é um dos fatos mais significativos do capitalismo atual, resultado do impacto causado pelas tecnologias de comunicação e informação em tempo real transformando a sociabilidade (CASTELLS, 1999a; 1999b).

Na teoria social, o espaço<sup>10</sup> é referido a práticas sociais, que dão a ele uma forma e uma função (CASTELLS, 1999a). A articulação entre forma e função lhes dá sentido dentro da sociedade, fazendo com que existe entre elas uma relação dialética, que é afetada pelas

---

<sup>8</sup> Em *Sociedade de risco: rumo a outra modernidade*, Ulrich Beck, utilizando de uma analogia denominada de “efeito elevador”, evidencia que devido ao aumento da renda, os indivíduos passaram ao segundo plano o pertencimento a classe. Ganha ênfase as situações existenciais individualizadas como centro de criação e execução dos planos de vida destes indivíduos. Gilles Lipovetsky, também aborda este tema, vide: “Os tempos hipermodernos” e “A cultura mundo: respostas a uma sociedade desorganizada”. Zygmunt Bauman é outro autor importante para compreender este tema, indica-se como leitura inicial, a obra *Tempos líquidos*.

<sup>9</sup> O fluxo pode ser entendido como as sequências intencionais, repetitivas e programáveis, de intercâmbio e interação entre posições, até então desarticuladas, mas, que são mantidas por atores sociais nas estruturas econômicas, políticas e simbólicas da sociedade (CASTELLS, 1999a).

<sup>10</sup> Castells (1999a, p. 500; grifos do autor) coloca que em relação à sociedade, o espaço não é o reflexo desta, é sua expressão: “[...]o espaço não é uma fotocópia da sociedade, é a sociedade. As formas e processos espaciais são construídos pela dinâmica de toda a estrutura social. Há inclusão de tendências contraditórias derivadas de conflitos e estratégias entre atores sociais que representam interesses e valores opostos. Ademais, os processos sociais exercem influência no espaço, atuando no ambiente construído, herdado das estruturas socioespaciais anteriores. Na verdade, *espaço é tempo cristalizado*”.

tecnologias de produção e disseminação de informação e conhecimento em tempo real. Já em relação ao espaço, este coloca a existência do que se pode denominar espaço de fluxos<sup>11</sup>, ou seja, se estabelece uma relação ou ainda, uma interação e um intercâmbio entre posições até então fisicamente desarticuladas entre si, as quais são mantidas pelos atores sociais, via ação nas estruturas econômicas, políticas e culturais da sociedade (CASTELLS, 1999a), sob as quais a tecnologia da informação incide de forma significativa.

A questão do tempo é importante, principalmente tomado em relação ao espaço de fluxos. O capitalismo em seu desenvolvimento prescindiu de mecanismos específicos (tempo e espaço) para a circulação do capital. A partir da consolidação do modo de produção capitalista a sociedade passa a ter, uma relação de controle e a tendência de encurtá-lo, para valorizar ainda mais o capital. Deste modo, em um primeiro momento tempo, é considerado como repetição da rotina diária, para posteriormente ser entendido como domínio da natureza, quando todos os tipos de fenômenos, práticas e lugares estão sujeitos à marcha centralizadora e universalizante do tempo (CASTELLS, 1999a). Em vista disso, a sociedade na contemporaneidade pode ser entendida como o domínio do tempo cronológico sobre o espaço e a sociedade, que se tornam categorias cada vez mais centrais para o aumento da produção e acumulação de capital.

De uma perspectiva materialista, a concepção de tempo e espaço são criadas por meios de práticas e processos que servem à reprodução e ao desenvolvimento do modo de vida dos sujeitos, sofrendo alterações devido ao grau de desenvolvimento da sociedade (HARVEY, 2008). Deste modo, observa-se que o capitalismo incide sobre o tempo e espaço alterando a percepção que os sujeitos possuem dele, assim, o capitalismo foi, e ainda é: “[...]um modo de produção revolucionário em que as práticas e processos materiais de reprodução social se encontram em permanente mudança, segue-se que tanto as qualidades objetivas como os

---

<sup>11</sup> Castells (1999a) estabelece três camadas de suportes materiais, que juntas, constituem o espaço de fluxos. A primeira camada é realmente constituída por um circuito de impulsos eletrônicos, ou seja, é a microeletrônica, telecomunicações, processamento computacional, sistemas de transmissão de informações e conhecimento, baseados e tecnologias da informação. A segunda é constituída por seus nós, isto é, centos de importantes funções estratégicas, e por centros de comunicação, os nós é a localização das funções as quais são conectadas com toda a rede, são passíveis de ligamento e desligamento, considerando determinados fatores, como competitividade etc. A terceira, é a organização espacial das elites gerenciais dominantes, não se está falando de classes, estas elites exercem as funções direcionais, sob as quais os espaços são articulados, isto porque a teoria dos espaços de fluxos parte da suposição de que as sociedades são organizadas de maneira assimétrica em torno de interesses dominantes específicos. Ou seja, a dominação neste caso, ocorre na articulação das elites e segmentação e desorganização das massas. Esta discussão abrange as páginas: 501 à 504.

significados do tempo e do espaço também se modificam (HARVEY, 2008, p. 189)”. O que se está evidenciando, é que assim como o avanço das tecnologias de produção, disseminação e compartilhamento de informações e conhecimento, incidem no processo produtivo, o mesmo ocorre ao modo de vida dos sujeitos, influenciando na forma em que estes percebem e interpretam sua relação com o mundo e entre si.

Destas transformações, é possível perceber mudanças que culminam em um redirecionamento e uma reorganização significativa da sociedade e de seu funcionamento, cujos rebatimentos poderiam ser sentidos no modo de vida dos sujeitos. Mais precisamente, a sociedade atual, demonstra no âmbito destas relações sociais um caráter de *imediatismo*, mas, também revela um caráter igualmente *contraditório*. Se outrora, as lutas contra o capitalismo, giravam entorno da redução do tempo de trabalho, agora, luta-se pela falta de tempo<sup>12</sup>, principalmente o dedicado as relações sociais, familiares, de amigos e para si mesmo. Mas, se lá as reivindicações estavam organizadas sob interesses e objetivos de um coletivo, o mesmo não se pode dizer das atuais, as quais mostram-se direcionadas a necessidades e objetivos mais particulares.

Para melhor compreender este processo, uma exemplificação é eficaz neste ponto. Na sociedade atual, mediante acesso facilitado pelas tecnologias de produção, disseminação e compartilhamento de informações e conhecimento, se tem um aumento por parte dos sujeitos, de uma tomada de consciência sobre os efeitos e consequentes perigos da globalização. Portanto, há um aumento do sentimento de que os sujeitos vivem juntos e que são interdependentes, logo, não há um individualismo extremo, pois, ainda há grupos possuidores de projetos de uma sociedade mais justa, visando um futuro melhor, o problema, como é possível ver, é que muitos destes projetos são locais e particulares, revelando uma dificuldade de assumir um caráter mais amplo e universal, capazes por sua vez de oferecer uma perspectiva de futuro, que baseados em outros valores (LIPOVETSKY, 2004; 2011), possa incitar e angariar participação dos sujeitos.

---

<sup>12</sup> Isto levanta a problemática do tempo, para além da esfera restrita do trabalho, relacionado a critérios de produtividade, ao contrário ela encontra-se atualmente ligada a todos os aspectos da vida (LIPOVETSKY, 2004), vide o livro de Michel Foucault “Vigiar e punir”.

As transformações sofridas pela sociedade incidiram diretamente na existência e no modo de vida dos sujeitos, modificando-os a partir das mudanças que aí ocorreram. A atual sociedade possui como características, o efêmero, o fragmentário e o descontínuo (HARVEY, 2008, LIPOVETSKY, 2004)<sup>13</sup>, ela é igualmente liberal, tendo como características o movimento, a fluidez e a flexibilidade<sup>14</sup>. Assim, é possível encontrar por toda parte, a ênfase e obrigação do movimento, da mudança e do projeto, livres do peso das utopias, mas, sob o imperativo da eficiência e necessidade de sobreviver (LIPOVETSKY, 2004), impactada pela aceleração do tempo e encurtamento do espaço, ocasionando em uma existência cada vez mais focada no presente, onde o futuro perde espaço e torna-se fonte de ansiedade e medo;

Uma das consequências mais perceptíveis do poder do regime presentista é o clima de pressão que ele faz pesar sobre a vida das organizações e das pessoas. Grande número de quadros funcionais menciona o ritmo frenético que domina a cadeia vital das empresas nesta época de concorrência globalizada e ditames financeiros. Sempre mais exigências de resultados a curto prazo, faz mais no menor tempo possível, agir sem demora: a corrida da competição faz priorizar o urgente à custa do importante, a ação imediata à custa da reflexão, o acessório à custa do essencial. Leva também a criar uma atmosfera de dramatização, de estresse permanente, assim como todo um conjunto de distúrbios psicossomáticos. Donde a ideia de que a hipermodernidade se distingue pela ideologização e pela generalização do reinado da urgência (LIPOVETSKY, 2004 p. 77).

O regime presentista pode ser creditado tanto a aceleração do tempo e encurtamento do espaço, influenciado pela revolução tecnológica, como ao constante descredito do futuro. O futuro apenas pode tornar-se fonte de ansiedade e medo, quando se apresenta aos sujeitos, esvaziado das mega ideologias que prometem um futuro melhor, ao mesmo tempo, em que se mostra como algo imprevisível, destituído de qualquer possibilidade de controle ou planejamento. Soma-se a isto, o fato de que a atual sociedade de mercado jogou os sujeitos em um cenário de competição desenfreada. Neste cenário, cada um individualmente, deve buscar uma “formação” que os valorize enquanto força de trabalho, que os coloca sob a possibilidade de realizar trabalhos fora do âmbito das empresas, sem contato com outros trabalhadores, diminuindo a formação de laços, que poderiam se mostrar como fonte de segurança em relação

---

<sup>13</sup> Estas são características que o autor analisa no pós-modernismo, e que são aceitas por este, levando a não tentar uma ação de transcendê-los, de se opor estas características: “O pós-modernismo nada, e até se espoja, nas fragmentárias e caóticas correntes da mudança, como se isso fosse tudo o que existisse (HARVEY, 2008, p. 49)”.

<sup>14</sup> Presente em “O individualismo paradoxal: introdução ao pensamento de Gilles Lipovetsky”, Sébastien Charles, in. LIPOVETSKY (2008).

ao futuro incerto. Isto potencializou ainda mais o contexto individualista exacerbado, que elava uma busca desenfreada de autorrealização particular (HARVEY, 2008), a qual, diga-se de passagem, é impactada pelo cenário efêmero, flexível e de intenso movimento de transformação individual.

Deste modo, esta sociedade, tem levado os sujeitos cada vez mais a um estado de esgotamento físico, mental e psicológico<sup>15</sup>. Um exemplo disto é o medo que permeia os jovens de não encontrar um lugar no universo do trabalho, e do dos mais velhos de perder o deles (LIPOVETSKY, 2004). Paradoxalmente mesmo esta sociedade dando maior ênfase ao gozo do aqui e agora, ela não conseguiu exterminar por completo a preocupação com o futuro. Mas, novamente isto não significa preocupação com um futuro coletivo, ao contrário é individual. A elevação da preocupação com a saúde, com as aposentadorias, com o meio-ambiente e etc. são seu reflexo, mas, muito destas preocupações, estão mais voltadas para questões particulares, como a de existir e assim continuar, do que uma preocupação relacionada às necessidades coletivas, se este toma a pauta reivindicativa, é sob o viés de amenizar o estrago. Logo, a preocupação com o futuro é cada vez mais particular e individualizada.

A queda das grandes utopias, que direcionavam os esforços com vistas para um futuro diferente e melhor, revelou-se um grande abalo para as pessoas. A decepção e as desilusões por elas causadas, em muitos casos justificadas, decorrem da dificuldade de “armar” os sujeitos com novos sonhos e paixões. Sua dificuldade está em conseguir romper com o caráter individualista, e oferecer valores capazes de incitar os sujeitos a uma causa ou reivindicação de longo prazo, cujos efeitos podem por eles não ser usufruídos. A libertação dos sujeitos de um destino coletivo tem aí suas raízes, que se mostram paradoxais. De um lado se tem um crescente individualismo e hedonismo, do outro, grupos e coletivos são formados com viés reivindicatórios, influenciados em muito pelas transformações ocorridas na sociedade.

A supervalorização do futuro abriu passagem a um superinvestimento no presente (LIPOVETSKY, 2011), os sujeitos cada vez mais focam no curto prazo. Troca-se a perspectiva do bem-estar futuro ou do coletivo, pelo bem-estar pessoal, do conforto e do lazer no agora. Este caráter presentista assenta-se paradoxalmente na perspectiva de um futuro capaz de

---

<sup>15</sup> Indica-se aqui a leitura dos livros *Sociedade do cansaço* e *Psicologia: neoliberalismo e as novas técnicas de poder* de Byung-Chul Han.

manter, para o sujeitos individual, esta atitude. Daí resulta a dificuldade do capitalismo atual, de encontrar a “mitologia” estável capaz de ligar os interesses particulares dos indivíduos a si mesmo. O melhor exemplo disto é ideia, de conciliar conservação ambiental e exploração dos recursos naturais. Apaga-se a contradição que impede até o núcleo a união de duas coisas antagônica, mas, sob o crivo de manter-se, o capitalismo. A mitologia em si, não necessita ser realizável em sua totalidade, pode até não ser colocada em ação, sua função é apenas a de atrair as pessoas para si.

O outro lado desta mitologia é a ênfase e a supervalorização do “indivíduo” que resultou na formação de um pensamento desconfiado em relação aos coletivos, grupos ou as massas reivindicativas. O sujeitos individual ao buscar a liberdade, acabou encontrando-se em uma sociedade, que de certa forma ofereceu tal liberdade, mas, a forma que esta se apresentou se configura como um problema, acrescido ainda, por suas consequências. Assim, na sequência desta reflexão cabe uma discussão na relação democracia e liberdade como o problema do indivíduo.

#### **4 DEMOCRACIA, LIBERDADE E O PROBLEMA DO INDIVÍDUO**

Pode-se colocar que na nesta sociedade de mercado, impera a cultura do indivíduo, que rompe com as civilizações passadas, e não se preocupa muito com um futuro longínquo. Nesta sociedade o “indivíduo” é colocado como centro e fundamento dos valores da ordem social e política, considerado livre e igual aos demais (LIPOVESKY, 2011). A liberdade individual é vista neste ângulo como possibilidade de autoformação pessoal, que permite livrar-se do destino coletivo, considerado como obstáculo ao exercício pleno desta liberdade individual. Assim, o princípio do individualismo encontrou na democracia liberal, seu ponto de ancoragem, pois, ambos repousam sobre uma concepção individualista de sociedade (BOBBIO, 2000). A primeira passa a ser tomada, como forma de governo ideal para que o pressuposto individual de autoformação seja possível e protegido.

Com os modernos, consagram-se os princípios da liberdade individual e da igualdade de todos perante a lei: o indivíduo se afirma como o referencial último da ordem democrática. Pela primeira vez na história, as regras da vida social, a lei e o saber não são recebidos de fora, da religião ou da tradição, mas construídos livremente pelos homens, únicos autores legítimos de seu modo de ser coletivo (LIPOVETSKY, 2011, p. 47).

A compreensão deste problema, ganha uma melhor definição, na crítica colocada por Marx em *Sobre a Questão Judaica*. Na modernidade<sup>16</sup> o que impera é o indivíduo, enquanto ser abstrato separado do ser genérico. São os desejos burgueses egoístas, que são lançados como os verdadeiros valores da sociedade. Que é organizada de tal modo, que passa a considerar todos os sujeitos como livres e iguais entre si, e como tal igualdade é abstrata, ela acaba por desconsiderar a realidade concreta das pessoas em sociedade (MARX, 2010). Se com os modernos as regras da vida social, passam a ser construídos desvinculados dos antigos alicerces da sociedade, pois, têm no seu centro sujeitos particulares, este processo ao invés de uni-los os separa:

[...] o direito humano à liberdade não se baseia na vinculação do homem com os demais, mas, ao contrário, na separação entre um homem e outro. Trata-se do direito a essa separação, o direito do indivíduo *limitado*, limitado a si mesmo.

A aplicação prática do direito humano à liberdade equivale ao direito humano à *propriedade privada*. [...] O direito humano à propriedade privada, portanto, é o direito de desfrutar a seu bem prazer (*à son gré*), sem levar outros em consideração, independentemente da sociedade, de seu patrimônio e dispor sobre ele, é o direito a proveito próprio. Aquela liberdade individual junto com esta sua aplicação prática contrapõem a base da sociedade burguesa. Ela faz com que cada homem veja no outro homem, não a realização, mas, ao contrário, a restrição de sua liberdade (MARX, 2010, p. 49).

Autoformação significa fazer a si mesmo sem interferência de outrem, disto resulta o problema da liberdade individual, ser livre para fazer e ser quem quiser, sem coerções exteriores. Para tal deve o sujeito, encontrar-se em um cenário que o coloque separado dos demais, e que assim, possa tomar a si mesmo como fonte e centro de direitos, e as demais pessoas como limites de sua liberdade, e conseqüentemente um possível perigo a seus direitos. Desta forma, este sujeito presente na atual sociedade encontra-se cada vez mais desvinculando dos valores outrora essenciais para a formação e manutenção de coletivos ou de ancoras para a formação de comunidades, que incidiam diretamente na participação política propriamente dita. Sua forma, um tanto mais desenvolvida seria a vinculação do exercício da liberdade individual com os demais. No ponto mais elevado de tal participação política, ela ocorreria via

---

<sup>16</sup> Para Harvey (2008) a modernidade não envolve apenas uma implacável ruptura com todas as condições históricas precedentes, mas, é caracterizada por um interminável processo de rupturas.

consideração do ponto de vista dos demais, gravitando sob um mesmo objetivo comum a todos, o que é dificultado pela racionalidade *neoliberal*<sup>17</sup>.

Destarte, a distinção realizada por Benjamin Constant, entre a liberdade dos antigos e modernos, revela de forma contundente o processo percebido por Marx. Para aquele, o objetivo dos antigos era distribuição do poder político entre todos os cidadãos de um mesmo país, já os modernos, visam à segurança das fruições privadas (BOBBIO, 2000).

A segurança é o conceito supremo da sociedade burguesa, o conceito da política, no sentido de que o conjunto da sociedade só existe para garantir a cada um de seus membros a conservação de sua pessoa, de seus direitos e de sua propriedade. [...] Através do conceito da segurança, a sociedade burguesa não se eleva acima do seu egoísmo. A segurança é, antes, a *asseguração* do seu egoísmo.

Portanto nenhum dos assim chamados direitos humanos transcende o homem egoísta, o homem como membro da sociedade burguesa, a saber, como indivíduo recolhido ao seu interesse privado e ao seu capricho privado separado da comunidade. [...] O único laço que os une é a necessidade natural, a carência e o interesse privado, a conservação de sua propriedade e de sua pessoa egoísta (MARX, 2010, p. 50; grifos do autor).

É neste ponto que reside o limite do individualismo da sociedade na contemporaneidade, se de um lado, outrora se fazia necessário libertar os sujeitos de certas amarras, para que este pudesse dentro do possível agir sem coação, do outro lado, e levado às últimas consequências, vê-se que a busca pela legitimação de interesses particulares, resultou na criação de barreiras de proteção que agiam mais para separar do que para unir as pessoas. Deste modo, a segurança serve para proteção individual e não coletiva, ela é para o sujeito ser protegido da sociedade e dos outros, que passam a ser tomados como potenciais perigos a pessoa privada. É neste ponto, que reside à igualdade tão desejada é buscada, não apenas o livre acesso e usufruto dos benefícios oferecidos pelo capitalismo, mas igualmente da proteção necessária para que isto ocorra<sup>18</sup>. Quando tais processos não ocorrem, tem-se uma injustiça, não do sistema, mas, da sociedade.

---

<sup>17</sup> A racionalidade *neoliberal*, tem tende a estruturar e organizar a ação dos governantes e dos governados. Deste modo, tal racionalidade tem como característica principal a generalização da concorrência como norma e regra de conduta, aliás, o próprio *neoliberalismo* é a razão do capitalismo contemporâneo, sendo definido como um conjunto de discursos, práticas e dispositivos que determinam um novo modo de governo dos sujeitos segundo o princípio universal da concorrência (DARDOT e LAVAL, 2016)).

<sup>18</sup> Aqui entra o problema da propriedade privada, ela estabelece o direito de posse exclusiva de uma coisa ou processo, mesmo que este não seja usado, tal direito possibilita ainda vender aquilo que se possui (HARVEY, 2016).

O individualismo resulta na queda ou diminuição de uma consciência de classe ou grupo, para um aumento de consciência individualista, o pertencimento ou ainda uma ligação a um grupo ou coletivo quando ocorre deve t nuer e de fácil desvinculação, principalmente quando tal ligação não for mais capaz de incitar mobilização dos sujeitos. Tem-se neste ponto uma das consequências da fragmentação desenfreada,

Os indivíduos libertos dos enquadramentos coletivos, mas ‘desnorteados’ e frágeis, podem querer buscar uma integração ‘tranquilizante’ em grupos ‘seitas’, redes por vezes radicais e violentas. Esse fen meno não   marginal: tudo leva a crer que vai prosseguir em razão das novas demandas identitárias originadas por uma hiper individualização causadora de ansiedade (LIPOVETSKY, 2011, p. 52).

Deste ponto, pode-se ponderar que os sujeitos não sabem como lidar com a liberdade alcançada, mas, que em muito se diferencia daquela que foi almejada. A partir de um ponto inverso,   possível considerar esta emancipação como uma pseudoliberalidade. Os sujeitos, confundiram pertencer a um coletivo, ou uma classe social como forma de coerção e limitação de sua liberdade, mais precisamente, tomou os demais sujeitos como obstáculos para sua a o livre. Quando o que realmente impedia a sua livre a o, era a forma de organização da sociedade capitalista. A desorientação decorre não como resultado da liberdade alcançada, mas, do simples fato que os sujeitos se livraram do obstáculo errado. O coletivo, não impunha seus desejos aos sujeitos como forma de coerção, mas, antes disto servia como bússola para suas a o, direcionando-as para um objetivo para além do presente individualista, mostrava-se capaz de beneficiar a todos.

## **5 CONSIDERA OES FINAIS**

Buscou-se neste artigo, realizar, mesmo que minimante uma análise sobre o impacto da transformação provocadas pela tecnologia nas relações de trabalho, nas mudanças sociais e nos modos de vida dos sujeitos. A flexibilidade, desta forma encontra-se presente nessas três esferas do agir humano. O grau de simultaneidade por elas oferecido criou a sensação de encurtamento do espaço e aceleração do tempo, este último é mais perceptível na constante impressão de sua falta. Destarte, a tal sentimento cresce a preocupação de controlar o que ocorre aqui e agora, mais precisamente o presente   o que importa, pois, seu grau mais imediato   mais facilmente perceptível, visto que o futuro se mostra cada vez mais incerto, e de difícil controle por parte dos sujeitos. Paradoxalmente tal processo, ocorre paralelamente ao maior controle do homem

sobre a natureza e seus fenômenos, o processo de racionalização do processo produtivo é prova disto, nunca se produziu tanto em tão pouco tempo.

Mas, este é apenas um lado do fato, do outro lado, o qual tentou-se evidenciar neste artigo é flexibilização das relações, seja as de trabalho ou as sociais, resultou na fragilização dos laços de solidariedade entre os sujeitos, principalmente aqueles que geograficamente se encontram mais próximos. Contraditoriamente, influenciada por informações em tempo real, de todas as partes do mundo, cresce a consciência dos riscos da globalização, logo, cria-se laços de certa solidariedade com sujeitos de localização geográfica mais distante. Tem-se aí uma maior preocupação com o futuro, mas, ao invés de ser um futuro coletivo ele é individual. Existe aí uma dificuldade atual, dos coletivos romper com a camada particularista, cada vez mais presentes nas ações dos sujeitos, seu problema principal é oferecer a perspectiva de um futuro, que rompa com o caráter presentista, e que seja capaz de incitar e reunir os sujeitos sob uma mesma causa a longo prazo.

Contraditório, fragmentário, efêmero, eterno etc. são características da sociedade atual, desconsiderá-los não é o melhor caminho a ser tomado. Enfrentar o problema de frente, seja, talvez a melhor opção. Em suma, este artigo buscou ser apenas uma ferramenta de problematização, por isso, não apresenta uma saída milagrosa, porque se assim o fizesse, estaria indo contra seu objetivo principal, que é evidenciar a necessidade de romper com o individualismo hedonista, para que desta forma, seja possível potencializar a formação de coletivos, de resistência. Por isso, optou-se por trazer à tona os obstáculos que se contrapõem a esta tarefa, evidenciando seus impactos na existência e no modo de vida dos sujeitos, resta agora ponderá-los no coletivo.

## REFERÊNCIAS

BOBBIO, Norberto. **Liberalismo e democracia** / Norberto Bobbio ; tradução Marco Aurélio Nogueira. – São Paulo : Brasiliense, 2000.

CASTELLS, Manuel, 1942-. **A Sociedade em Rede** / Manuel Castells ; tradução: Roneide Venancio Majer; atualização para 6ª edição: Jussara Simões – (Era da Informação: economia, sociedade e cultura, vol. 1) São Paulo: Paz e terra, 1999a.

CASTELLS, Manuel, 1942-. **A sociedade em Rede** / Manuel Castells ; tradução Klauss Brandini Gerhardt e Roneide Venancio Majer. – São Paulo : Paz e terra, 1999b. - (Era da Informação: economia, sociedade e cultura, vol. 3). Conclusão, p. 411-439.

HARVEY, David, 1935-. **17 contradições e o fim do capitalismo** / David Harvey ; tradução Rogério Bettoni. – 1. ed. – São Paulo : Boitempo, 2016.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural** / David Harvey ; tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves, Edições Loyola, São Paulo, 17ª edição. 2008.

LIPOVETSKY, Gilles, 1944-. **Os tempos hipermodernos** / Gilles Lipovetsky; tradução Mário Vilela, - São Paulo : Editora Barcarolla, 2004.

LIPOVETSKY, Gilles. **A cultura mundo : respostas a uma sociedade desorganizada** / Gilles Lipovetsky e Jean Serroy ; tradução Maria Lúcia Machado. – São Paulo : Companhia das Letras, 2011.

MARX, Karl. **Sobre a questão judaica** / Karl Marx ; apresentação [e posfácio] Daniel Bensid; tradução Nélio Schneider, [tradução de Daniel Bensid, Wanda Caldeira Brant]. – São Paulo : Boitempo, 2010.

SENNETT, Richard, 1943-. **A corrosão do caráter : as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo** / Richard Sennett; tradução Marcos Santarrita. – 14ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2009.